



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

**RETEXTUALIZAÇÃO NA MÍDIA TELEVISIVA:
Efeitos do processo de edição de texto no telejornalismo.**

Caroline Alves Silva e Rosito*

RESUMO

Este artigo busca discutir a atividade de retextualização dentro das redações de TV realizada por editores de texto. O processo de edição de texto é baseado no modelo proposto por Marcuschi (2001). O trabalho também aborda o processo de transposição da figura do revisor para editor de texto. O objetivo desta pesquisa é mostrar as transformações existentes na passagem do texto escrito para outro texto também escrito. Ambos possuem características da oralidade, já que são textos produzidos para um telejornal. O artigo também pretende questionar os desafios e os efeitos da retextualização no cotidiano do profissional do texto. A metodologia empreendida é analisar textos originais e editados e identificar onde e porque aconteceram os processos de retextualização. Conclui-se que a retextualização é uma atividade necessária e eficaz para o trabalho desenvolvido pelo editor de texto.

Palavras-chave: Retextualização. Editor de texto. Telejornal.

*

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto, sob orientação da Prof^a Dra. Carolina Andrade.

1 INTRODUÇÃO

Produzir textos orais e transformá-los em produções escritas, e vice-versa, é um processo que acontece naturalmente na comunicação humana e está presente em diferentes situações do cotidiano, seja em uma conversa formal, no trabalho, em casa ou entre amigos. Essa prática é recorrente em qualquer tipo de texto. No meio midiático, esse processo também é muito comum, porém ele não pode ser tratado de forma irrefletida no discurso jornalístico, afinal, nesse meio a produção de um novo texto a partir de um texto-base é ferramenta que pode revelar, muitas vezes, a identidade, a ideologia e os interesses políticos do veículo de comunicação.

Essas transformações foram estudadas e observadas por Marcuschi (2001). Segundo este linguista, a viabilidade de transformar o texto oral em escrito, por exemplo, denomina-se retextualização. Para o autor, retextualizar é uma adaptação de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua. Tais “modalidades” podem ser compreendidas como a oralidade e a escrita. A retextualização seria uma modificação mais ampla do texto, inclusive devendo-se alterar o meio em que ele é veiculado: entrevista oral para notícia escrita, por exemplo, ou do texto impresso para a notícia do rádio. Mas, como explica Marcuschi (2001), esse processo não é mecânico:

Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita. (MARCUSCHI, 2001, p. 46).

A linguagem não pode ser entendida como um fenômeno isolado. É preciso analisar o modo como diferentes recursos são retextualizados e interagem na produção de sentido. Por isso, o objetivo deste artigo é esclarecer os efeitos da retextualização no texto de telejornalismo e analisar o processo de edição textual realizado pelo editor/revisor, para conhecer o que os levam a fazer tais escolhas.

A intenção deste trabalho é tentar desvendar os efeitos da retextualização no texto de telejornalismo e analisar o processo de edição realizado pelo editor de texto, para entender os critérios utilizados por esse profissional. Para isso, como metodologia de pesquisa, será desenvolvida a revisão bibliográfica de autores da área jornalística e da linguística, abordando o processo de transposição da figura do revisor para editor de texto.

Também será realizada uma análise de textos originais e editados. O *corpus* será delimitado: serão analisados os textos-base e os textos editados de duas notícias produzidas pela repórter Caroline Rosito, nos dias 18 de junho e 5 de julho de 2016, para o telejornal “RedeTVNews”, da “Rede TV!”.

Um dos objetivos desta pesquisa é conhecer o processo de edição do texto jornalístico dentro da redação de um telejornal. Porém, hoje em dia, não é muito comum encontrar nas redações a figura do revisor de texto, aquele responsável pela correção ortográfica e gramatical, pela clareza e pela adequação às normas editoriais. Os motivos pelo desaparecimento dessa função são inúmeros, mas podemos destacar, principalmente, o corte de gastos e a informatização. As empresas de comunicação não veem mais importância no revisor de texto, enquanto profissional cumpridor apenas dessa função, dentro das redações, já que os jornalistas hoje fundem várias funções. Por isso, essa atividade foi transferida para o editor de texto.

Assim, o processo de retextualização de um texto jornalístico de TV pode acontecer em várias etapas até a finalização do material que será exibido no telejornal. A matéria, antes de ir ao ar, é produzida pelo repórter na modalidade escrita. Depois, esse produto é revisado pelo editor de texto, que recebe o texto e faz as adequações que achar necessário para finalizá-lo. Esse produto será mais tarde assistido pelo telespectador. O papel do editor de texto vai além da função de revisar erros ortográficos. Ele também é responsável por adequar o texto jornalístico ao formato do telejornal, dinamizar frases, dar novos enfoques, redefinir tamanho de texto em função do tempo de exibição do telejornal e acrescentar informações, casando sempre texto com sonoras (entrevistas) e imagens. O editor de texto participa de todo o processo de produção, criação e edição da notícia.

Conhecer a rotina de trabalho do editor de texto dentro de uma redação de telejornalismo é importante para entender como ele influencia na definição do que é notícia. Segundo Beltrão (1969), notícia pode ser entendida como sendo “o relato de um fato, de uma ideia ou de uma situação que esteja, no momento, atuando no seio da comunidade a que o jornalismo serve”, (BELTRÃO, 1969, p. 107).

Quando pensamos na notícia de TV, é preciso juntar duas linguagens: a oral e a imagética. Palavras e imagens atuam simultaneamente para produzir sentido ao

telespectador. Paternostro (1999) defende a imagem como texto primordial no telejornalismo.

Estamos em um mundo comandado pela imagem, que por causa da alta tecnologia está cada vez mais presente em nossas vidas. Já conhecemos muito bem o poder de uma imagem, o quanto ela impacta quando carrega informação e emoção. Ela atrai, envolve, domina, nos conduz e se eterniza na memória (PATERNOSTRO, 1999, p.73).

A integração desses suportes amplia o conceito de textos multimodais. No telejornalismo, as imagens não são apenas ilustrativas, elas fazem parte da composição do texto e ajudam a construir o sentido. Por isso, ao escrever uma reportagem, o repórter precisa levar em consideração as imagens que foram captadas pelo cinegrafista para fazer o casamento entre textos verbais e não verbais. Esse processo será primordial para o trabalho do editor de texto. A importância da imagem valorizada pelos editores de texto está associada à necessidade que a informação televisiva tem de representar de uma forma sintética, direta, visualmente coerente e significativa o objeto da notícia.

Assim, nas próximas páginas, descortinaremos a nossa hipótese, descreveremos nossa base teórica e metodológica com as quais analisaremos os dados supramencionados, procederemos a uma análise e, finalmente, apresentaremos as considerações finais.

2 JUSTIFICATIVA/HIPÓTESE

No jornalismo, o profissional que reescreve e edita o texto original é o editor de texto. De certa forma, podemos dizer que ele realiza a mesma função do revisor de texto. Porém, normalmente, o editor tem formação em Comunicação Social e o revisor em Letras. Ou seja, as tarefas de ambas são pouco distintas. Nem sempre o editor de texto, que está dentro da redação, realiza o “processo de retextualização” de forma consciente e pensada em sua rotina. Essa atividade acontece de forma mais natural e espontânea. Segundo Ribeiro (2007), isso ocorre porque:

Os cursos de Comunicação Social parecem ser compostos, em sua maioria, de disciplinas que discutem a comunicação de um ponto de vista bastante generalizada, além de promoverem a prática da redação mais do que a reflexão sobre o texto e o processamento da escrita. (RIBEIRO, 2007, p.6)

Já cursos de Letras promovem a prática, a teoria e a reflexão do papel do profissional que lida com o texto de forma mais enfatizada.

Apesar da distinção de ambas as profissões, a partir do avanço das tecnologias digitais e da informatização, em meados da década 80 no Brasil, as empresas de comunicação começaram equiparar o revisor de texto ao editor de texto. Muitos autores acreditam que o objetivo das empresas de comunicação, ao adotar novas tecnologias, era baratear a produção e custos operacionais. Esse fato alterou o processo de produção de notícia e causou um desaparecimento do revisor nas redações de jornais. Com isso, os editores de texto passaram a desempenhar também o papel do revisor de texto.

Além de exigir maior versatilidade dos profissionais, o processo de informatização das redações levou ao chamado desemprego tecnológico. O revisor foi descartado pelos grandes jornais e substituído por terminais de vídeo (DEJAVITE; MARTINS, 2006, p.24)

Assim, a hipótese é de que conhecer e refletir os processos de retextualização e os conteúdos pertinentes à revisão-textual colaboram para que o trabalho demandado na edição jornalística seja pautado em técnicas que se provam eficazes.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Contextualização na história da Comunicação no Brasil

Antes de passarmos para as próximas seções, faz-se necessário contextualizar o presente trabalho localizando-o sucintamente na história da Comunicação no Brasil. Um dos meios de comunicação mais populares no Brasil é o rádio. Foi fundado no país na década de 20, mas foi em 1940 que o radiojornalismo transformou-se em um importante veículo, com a estreia do Repórter Esso. Segundo Ferrareto (2001), o programa marcou a maneira de levar informação pelas ondas do rádio no país. “A maior contribuição do Esso foi a introdução no Brasil de um modelo de texto linear, direto, corrido e sem adjetivações, apresentado em um noticiário ágil e estruturado”, (FERRARETO, 2001, p.127). Antes do estilo do Repórter Esso, a notícia de rádio se resumia, praticamente, à leitura dos jornais.

A chegada da TV abalou a hegemonia do rádio. A estreia da primeira emissora de televisão foi em 1950, que logo transmitiu o seu primeiro telejornal. Entretanto, a TV, no primeiro momento, herdou o formato do rádio. Paternostro (1999) conta que no início os telejornais transmitiam a notícia com todos os detalhes possíveis. Além disso, mostravam as imagens brutas (sem edição) dos acontecimentos do dia. Ou seja, no primeiro telejornal televisionado, houve uma retextualização do rádio para o jornal na TV.

Com locução em off, um texto em estilo radiofônico, pois o rádio era o modelo que se tinha na época. Entrava no ar entre as nove e meia e dez da noite, sem qualquer preocupação com a pontualidade. O formato era simples: Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias, e algumas notas tinham imagens feitas em filme preto e branco, sem som. (PATERNOSTRO, 1999, p.35).

Daquela época em diante, o telejornalismo foi se adaptando e evoluindo de acordo com as novas tecnologias e as necessidades do público-alvo. Com a implantação dos telejornais na programação das emissoras de TV, as reportagens tornaram-se mais dinâmicas e objetivas para conquistar o telespectador. O rádio também teve que se reinventar. Com as transformações políticas e econômicas pelos quais o país passou nas décadas de 80 e 90, o rádiojornalismo se desenvolveu e criou o jornalismo 24 horas por dia. O modelo *all News*, importado dos Estados Unidos, foi implantado inicialmente pela rádio Jornal do Brasil AM.

Assim, a TV lançou moda e ditou tendências. Ela também trouxe as maiores mudanças culturais das últimas décadas, influenciando o comportamento das pessoas, afetando vocabulário. Além disso, a TV foi um marco para os outros meios de comunicação, pois aumentou a velocidade da transmissão da informação, atingindo um número maior de pessoas ao mesmo tempo. Essa necessidade de atingir públicos cada vez maiores está vinculada à busca pela audiência e, conseqüentemente, pelo lucro. De acordo com Fairclough (2001), a mídia de notícias está no negócio competitivo de recrutar telespectadores, ouvintes e leitores em um contexto de mercado. Neste trabalho, a relação da busca pela audiência para atingir o lucro não será aprofundada. O registro é importante para levantar a importância do poder da televisão na vida social como mecanismo para transformar as relações de poder existentes.

3.2 Operações de retextualização

Segundo o Manual da Redação do jornal Folha de São Paulo (2000), cabe ao editor fazer a “exposição hierárquica e contextualizada das notícias e a distribuição espacial correta e interessante das reportagens, análises, artigos, crítica, fotos, desenhos e infográficos que constituem o jornal” (FOLHA DE S. PAULO, 2000, p.33). Cabe também a esse profissional “escolher os temas mais importantes da pauta, organizar o material jornalístico com o objetivo de explicitar essa hierarquia ao leitor”, (FOLHA DE S. PAULO, 2000, p.33).

Nesse contexto, o editor de texto pode utilizar, em sua rotina, alguns dos novos pontos do modelo de operações textuais-discursivas na transposição do texto oral para o texto escrito, sugeridos por Marcuschi (2001). Como propõe o próprio autor, esse modelo representa apenas:

(...) um método de descoberta relativamente intuitivo, não tão rigoroso a ponto de com ele se chegar resultados definitivos, mas também não tão vago a ponto de não se poder com ele operar significativamente projetando expectativas bastante definidas e comparáveis. (MARCUSCHI, 2001, p.74).

As novas operações seguem basicamente regras de regularização, idealização e transformação do texto. Mascuschi (2001) também explica que a retextualização do texto-base em texto-alvo não precisa necessariamente passar por todos os pontos do processo nem na ordem que é proposta. Ele pode se concluir a qualquer momento. Segue uma compilação do modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito proposta por Mascuschi (2001):

1ª Operação: Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras. (estratégia de eliminação baseada na idealização linguística)

2ª Operação: Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entonação das falas. (estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia).

3ª Operação: Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos. (estratégia de eliminação para uma condensação linguística).

4ª Operação: Introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos. (estratégia de inserção).

5ª Operação: Introdução de marcas metalinguísticas para referência de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos. (estratégia de reformulação, objetivando explicitude).

6ª Operação: Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos. (estratégia de reconstrução em função da norma escrita).

7ª Operação: Tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas. (estratégia de substituição, visando a uma maior formalidade).

8ª Operação: Reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa. (estratégia de estruturação argumentativa).

9ª Operação: Agrupamento de argumentos condensando as ideias. (estratégia de condensação).

(MARCUSCHI, 2001, p.75).

É importante destacar que as quatro primeiras operações são atividades de regularização e idealização, que se fundamentam em estratégias de eliminação e de inserção. Já as outras cinco últimas operações realizam atividades de transformação e se fundem em estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação. Esse segundo bloco é responsável pelas mudanças mais acentuadas no texto.

Vale lembrar que o processo de produção, construção e edição da notícia passa por várias retextualizações. Podemos dizer que o processo começa na apuração de informações e entrevistas realizadas pelo repórter durante a sua pauta. Para produzir o texto-base, o repórter realiza uma coleta em modalidade oral que será transcrita para a modalidade escrita. A partir daí, o trabalho do editor de texto pode começar. Ele será responsável pela transformação do texto-base escrito para o texto final também escrito. Além disso, o texto final ainda pode sofrer pequenas alterações ao ser lido pelo repórter ou âncora (apresentador) do jornal na hora da gravação.

Analisando os modelos de operações como orientação para o trabalho do editor de texto, podemos destacar o segundo bloco. Isso porque essas operações são as que efetivamente apresentam mudanças necessárias para a retextualização de um texto escrito para outro texto escrito. Nesse momento, quando necessário, o editor pode fazer a reordenação sintática e reconstrução de concordâncias, para que o texto fique adequado à modalidade escrita que exige o telejornal. Ele também pode reordenar a ordem dos discursos para melhor estruturação das matérias e condensar as ideias para que o conteúdo fique mais coeso, objetivo e direto.

3.3 O editor de texto no telejornalismo

Dentro de uma redação seja ela de TV, de jornal impresso, ou de algum portal de notícia, por exemplo, o editor de texto sempre terá o papel de revisar e reescrever a história para garantir que ela será contada da maneira mais criativa e interessante possível.

O editor bom tem sempre em mente que os apresentadores de um telejornal não devem parecer atores interpretando um texto, nem um político lendo um discurso, nem um sacerdote pregando, nem um professor exibindo seus conhecimentos, nem um literário exercitando a prosódia. (BONNER, 2009, p.54).

Já foi dito que as funções do revisor de texto foram transferidas para o editor de texto nas redações de telejornalismo. O trabalho do editor começa assim que o repórter encaminha o texto-base para ser retextualizado. O editor vai “revisar” o texto escrito pelo repórter de acordo com o formato, tempo e outras características estabelecidos pelo editorial do telejornal. O material com imagens e entrevistas produzidas pela equipe de cinegrafista e repórter é selecionado e organizado pelo editor que irá montar o esqueleto da matéria, como se diz no jargão jornalístico. A matéria é então estruturada. A partir daí, o texto-base, escrito pelo repórter na rua, será retextualizado pelo editor.

O revisor fará um aperfeiçoamento do texto original, com o objetivo de torná-lo mais claro, dinâmico e acessível aos telespectadores. Além de dominar a língua portuguesa, o profissional que mexe com texto de TV também precisa conhecer os recursos de montagem. Isso porque é ele quem adequa a reportagem ao formato do telejornal e faz cortes de falas e imagens para encaixar no tempo certo do jornal.

O editor de texto também precisa ter o que chamamos de conhecimento de mundo. É importante estar atualizado sobre as mudanças da língua, além de estar atento aos assuntos do dia a dia que envolvem as editorias do jornal tanto no âmbito nacional quanto no internacional. Isso tornará o trabalho mais ágil e correto. É nesse sentido que Oliveira (2010) defende que

(...) não basta o conhecimento das regras da gramática, pois estas representam uma norma: a “norma culta” (...), que não corresponde a vários questionamentos detectados pelo revisor relacionados com o querer-dizer do autor, lapsos de memória, falhas de escritura, entre outros aspectos que só um profissional com certa experiência pode identificar. (OLIVEIRA, 2010, p.42)

Além do trabalho textual, o editor também é responsável pela transcrição das entrevistas que serão inseridas na reportagem. Segundo Marcuschi (2001), transcrever é, basicamente, passar um texto para a forma gráfica.

A transcrição representa uma passagem, uma *transcodificação* (do sonoro para o grafemático) que já é uma primeira *transformação*, mas não é ainda uma retextualização. (MARCUSCHI, 2001, p.51).

É de costume, nas redações de telejornalismo, o editor e/ou repórter transcrever literalmente as entrevistas que vão ser inseridas na reportagem, porque esse processo ajuda o editor a calcular o tempo total do VT (reportagem) e evitar que ultrapasse o tempo programado de exibição no jornal.

Porém, muitas vezes, não é possível colocar na íntegra a entrevista gravada pelo repórter. Notícias de TV normalmente tem duração de um minuto a um minuto e 30 segundos. Por isso, o editor precisa fazer cortes e selecionar a melhor parte da gravação. Outro recurso, utilizado pelo editor quando não é possível colocar a entrevista completa, é selecionar trechos do que foi dito pelo entrevistado e escrever a ideia que se quis passar para o texto. Esse processo também é muito utilizado pelo editor de texto.

No caso da retextualização, Marcuschi (2001) explica que a “interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem”, (MARCUSCHI, 2001, p.49).

3.4 O texto de telejornalismo

Como observado anteriormente, a TV herdou muitas características do rádio, inclusive algumas particularidades textuais. Podemos dizer que algumas regras que valem para o texto radiofônico, valem também para o texto de TV. Ambas as mídias exigem textos com linguagem clara, concisa, direta, simples e objetiva, por exemplo.

Entretanto, Paternostro (1999) explica que o texto televisivo não precisa ser tão óbvio quanto o texto de rádio, pois o telespectador, além de ouvir, está assistindo as imagens que ilustram e complementam o texto narrado. Também não pode trazer tantos detalhes como de uma reportagem de jornal impresso, revista, ou portal de notícia, pois o tempo para reportar é curto.

Assim como qualquer texto jornalístico, o texto de TV também deve começar com o mais importante, o que chamamos de *lead*. Os manuais de redação definem o *lead* como uma orientação a ser seguida por quem deseja escrever um bom texto jornalístico. Além disso, o *lead* é considerado a abertura da matéria e deve contar, em poucas linhas, o fato mais importante da notícia, respondendo as seis perguntas básicas do leitor: o que? (a ação), quem? (o agente), quando? (o tempo), como? (o modo), onde? (o lugar) e por quê? (o motivo). O *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo* é bem claro em relação ao modelo de abertura de matérias:

O lide é abertura da matéria. Nos textos noticiosos, deve incluir, em duas ou três frases, as informações essenciais que transmitam ao leitor um resumo completo do fato. Precisa sempre responder às questões fundamentais do jornalismo: o que, quem, quando, onde, como e por quê. (...) Graficamente, recomenda-se que o lead tenha no máximo 4 a 5 linhas de 70 toques. (...) o lead deve ser objetivo, completo, simples e, de preferência, redigido na ordem direta. (MARTINS, 1997, p.154).

De acordo com Paternostro (1999), o texto de TV é informativo e deve seguir a ordem direta (sujeito + verbo + predicado) para facilitar a compreensão da notícia. A autora explica que é melhor usar a ordem direta e evitar frases intercaladas, frases com vírgulas, com muitas explicações.

Outra característica do texto de TV, segundo a autora, é a instantaneidade. Isso é importante, pois na TV o receptor da notícia não pode “voltar” a informação para entender melhor, como é possível na mídia impressa e online. O redator deve dar preferência para o tempo verbal no presente do indicativo ou futuro composto.

Para deixar o texto mais conciso, é importante evitar o uso excessivo de adjetivos, gírias e frases clichês. O texto deve ter o máximo de informação e o menor número de palavras. Também é adequado evitar as frases intercaladas, entre vírgulas. A linguagem é casual, mas segue os padrões da gramática. O objetivo é simplificar o texto ao máximo para permitir que um maior número de pessoas possa entender a informação dada em uma única visualização.

O texto de telejornalismo é considerado um gênero híbrido, de planejamento escrito e realização falada. Por isso, é necessário sempre ler o texto em voz alta, para evitar problemas com rimas ou jogos sonoros (cacófatos).

A leitura em voz alta é uma regra fundamental para identificar palavras rimadas – as palavras em sequência com a mesma terminação. Essas

palavras, em texto impresso, podem não atrapalhar tanto, mas em um texto falado soam de forma desagradável. (PATERNOSTRO, 1999, p.78)

A estrutura narrativa da reportagem de TV, de modo geral, constitui-se de *off* (texto narrado pelo repórter coberto por imagens), passagem (momento em que o repórter aparece com mais informações) e sonora (entrevista).

3.5 Multimodalidade: o texto escrito e a imagem

A linguagem do texto de TV é audiovisual. Por isso, de acordo com Paternostro (1999), é preciso organizar o que se diz com o que se mostra, ou seja, o texto e a imagem. Podemos dizer que um dos maiores desafios de um repórter de TV é dizer e mostrar o fato sem ser redundante com as palavras e imagens. A autora explica, ainda, que em telejornalismo a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos. O texto precisa ter a ver com o que está sendo mostrado ou perde a função.

Com essas características, o texto telejornalístico pode ser entendido como texto informativo multimodal, ou seja, quando acontece a integração de várias modalidades, como a linguagem verbal, a linguagem visual e a linguagem corporal. Essas plataformas caminham juntas para produzir um sentido ao texto.

Paternostro (1999) ressalta a valorização do elemento visual no texto de TV em suas concepções.

Estamos em um mundo comandado pela imagem, que por causa da tecnologia está cada vez mais presente em nossas vidas. Já conhecemos muito bem o poder de uma imagem, o quanto ela impacta quando carrega informação e emoção. Ela atrai, envolve, domina, nos conduz e se eterniza na memória (PATERNOSTRO 1999, p.73)

Sobre o conceito de multimodalidade, Viera e Silvestre (2015) explicam que as necessidades sociais, culturais e políticas levaram o homem a procurar novas formas de comunicação, criando, assim, novas teorias de linguagem.

Ressaltamos que a composição textual multimodal tem alimentado as práticas sócias, cujas riquezas de modos de representação utilizados incluem desde imagens, até cores, movimento, som e escrita, haja vista a existência frequente de eventos híbridos de letramento, constituídos por composição com linguagem verbal, com linguagem visual e com linguagem corporal, marcas preponderantes do discurso contemporâneo. (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p.43)

Essas teorias de linguagem criam inúmeras práticas discursivas, que são fruto da globalização e do avanço tecnológicos das mídias de comunicação. As autoras explicam, ainda, que as mudanças globais exercem influência sobre a linguagem. Isso porque, somos uma “sociedade digital, uma sociedade multimodal”, (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p.48).

Como podemos perceber, o fenômeno da multimodalidade está muito presente na produção de textos telejornalísticos. É notória a contribuição dos textos multimodais para as mídias televisivas. Com recursos de imagens, arte gráfica e trilha sonora, por exemplo, os jornais conseguem explorar modos que vão além do simples relato verbal da informação. A multimodalidade também passa a sensação de que o telespectador está mais próximo do fato noticiado.

Para compreender os efeitos da retextualização no texto de telejornalismo e sua influência no processo de edição realizado pelo profissional do texto, fizemos, nessa seção, uma incursão em referenciais teóricos para uma reflexão acerca dos conteúdos pertinentes. Entre elas destacamos as operações de retextualização propostas por Marcuschi (2001), o papel do editor de texto e a linguagem de TV, como em Paternostro (1999); e os desafios da multimodalidade revelados por Vera e Silvestre (2015).

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

A análise que virá na seção a seguir compreender-se-á em dois momentos: primeiro na preparação e seleção do material para análise, e segundo na análise propriamente dita dos dados. As matérias, foco de nossa análise, foram produzidas pela repórter Caroline Rosito, autora do presente artigo, e retextualizadas pelo editor de texto Philip Dantom. A metodologia empreendida é analisar os textos e identificar onde e porque aconteceram os processos de retextualização nesses textos.

Os textos (nosso *corpora*) foram escolhidos pelo aspecto de noticiabilidade que eles representam, pois são temas políticos que, às vezes, podem ser de difícil compreensão para a maioria das pessoas, quando não escritos de forma clara e objetiva e no gênero textual adequado. Os textos foram produzidos no momento em que aconteceram os fatos. Assim, a proposta é, a partir de todo o conhecimento

antes visitado, analisar e observar os critérios e escolhas feitas pelo editor de texto ao editar/revisar o texto-base da repórter.

5 ANÁLISE

Como já mencionado anteriormente, para realizar a pesquisa proposta por este artigo, foram analisadas duas matérias produzidas para o jornal de rede nacional da emissora de televisão “RedeTV!”.

A base teórica utilizada para analisar as marcas de retextualização presentes nos dois textos foi o diagrama proposto por Marcuschi (2001) e os conceito de multimodalidade definido por Viera e Silvestre (2015). Para melhor visualização da análise dos textos originais e textos editado/retextualizados, foram criados quadros numerados que permitem a visualização das comparações realizadas.

De acordo com Paternostro (1999), um texto de telejornalismo se constrói seguindo um roteiro que inclui *offs*, que são os textos gravados pelo repórter; *passagens* quando o repórter aparece no meio da matéria para identificar-se; e *sonoras*, que são as declarações de entrevistados que aparecem na matéria. Os textos a seguir estão estruturados de acordo com o roteiro explicado por Paternostro (1999) e o modelo de lauda utilizada por redações de TV para identificar a matéria. A lauda deve ser feita seguindo alguns critérios: o texto deve ser escrito sempre em caixa alta e é necessário usar barras (/) para indicar o parágrafo. No alto da lauda há um cabeçalho com informações como retransmissão, data, nome do repórter e do editor que revisou a reportagem.

Sobre a matéria 1, é possível fazer as principais análises:

No texto editado, o editor apresenta um texto retextualizado, utilizando algumas das operações textuais-discursivas de Marcuschi (2001). Dentre essas operações, as utilizadas pelo editor de texto foram, principalmente, as estratégias do segundo bloco que inclui: substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação. Essas estratégias são responsáveis pelas mudanças mais importantes no texto editado.

No início do texto editado, em {CABEÇA}, o revisor utiliza a regra de reordenação e reorganização da sequência argumentativa do texto, de acordo com a

8ª operação do diagrama de Marcuschi (2001). O editor primeiro explica o que é a Comissão do Senado para depois dar a notícia: aprovou hoje um novo cronograma de trabalho. (Quadro 1).

Quadro 1

TEXTO ORIGINAL	TEXTO EDITADO
{SUGESTÃO CABEÇA} A COMISSÃO DO IMPEACHMENT APROVOU UM NOVO CRONOGRAMA DO PROCESSO CONTRA A PRESIDENTE AFASTADA DILMA ROUSSEFF./	{SUGESTÃO CABEÇA} A COMISSÃO DO SENADO QUE ANALISA O PROCESSO DE IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF APROVOU HOJE UM NOVO CRONOGRAMA DE TRABALHO./

No Quadro 2, observando o **texto original** identificamos a repetição do adjetivo *novo* e *nova*. No **texto editado**, o editor elimina a palavra *nova* para tornar o texto mais direto, de acordo com o modelo da 3ª operação, que fala sobre estratégia de condensação linguística.

Quadro 2

TEXTO ORIGINAL	TEXTO EDITADO
{CABEÇA} A COMISSÃO DO IMPEACHMENT APROVOU UM NOVO CRONOGRAMA DO PROCESSO CONTRA A PRESIDENTE AFASTADA DILMA ROUSSEFF./ PELA NOVA PREVISÃO, A VOTAÇÃO FINAL NO PLENÁRIO DO SENADO DEVE ACONTECER ATÉ O FINAL DE AGOSTO.//	{CABEÇA} A COMISSÃO DO SENADO QUE ANALISA O PROCESSO E IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF APROVOU HOJE UM NOVO CRONOGRAMA DE TRABALHO./PELA PROPOSTA, A VOTAÇÃO FINAL QUE VAI DEFINIR O FUTURO DA PRESIDENTE AFASTADA PODE ACONTECER NA ÚLTIMA SEMANA DE AGOSTO.//

No Quadro 3, podemos observar o funcionamento da teoria da multimodalidade, que mescla vários recursos visuais e linguísticos, e tem por objetivo deixar o texto mais atrativo possível, conforme conceito definido por Viera e Silvestre (2015). É possível observar que o editor quebra o **{OFF 1 IMAGENS + ARTE}** em duas partes (Quadro 3). No **texto editado**, são criados o **{OFF 1}** e o **{OFF 2 LETTERING (6/07) / (7/07)}**. Esse segundo *off* foi quebrado para dar mais dinamismo ao texto. O editor criou uma arte gráfica para mostrar o que está sendo dito pelo repórter no *off2*. Esse recurso, além de deixar a matéria mais didática, facilitou a visualização e memorização do telespectador sobre as datas descritas na matéria. Segundo Paternostro (1999), o papel da palavra é dar apoio à imagem. Ou seja, o texto tem que ter a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir. Nesse caso, o editor não tinha imagens para ilustrar o *off*, por isso, buscou outra forma de visualizar a informação como o uso de uma arte gráfica.

Quadro 3

TEXTO ORIGINAL	TEXTO EDITADO
<p>{OFF 1 IMAGENS + ARTE } DURANTE MAIS UM DIA DE OITIVAS PARA OUVIR AS TESTEMUNHAS DA DEFESA, NA COMISSÃO DO IMPEACHMENT, OS SENADORES APROVARAM UM NOVO PLANO DE TRABALHO./ NO DIA CINCO DE JULHO DEVE SER REALIZADA A AUDIÊNCIA COM OS PERITOS QUE ANALISARAM OS DOCUMENTOS QUE EMBASAM A DENÚNCIA./ O CALENDÁRIO ESTIMA, AINDA, QUE DILMA ROUSSEFF DEVE IR À COMISSÃO PARA SE DEFENDER NO DIA DIA SEGUINTE./ MAS DILMA PODE OPTAR POR NÃO COMPARECER./</p>	<p>{OFF 1} DURANTE MAIS UM DIA DE OITIVAS DE TESTEMUNHAS DA DEFESA OS SENADORES APROVARAM O NOVO CALENDÁRIO APRESENTADO PELO RELATOR ANTÔNIO ANASTASIA.//</p> <p>{OFF 2 LETTERING (6/07) / (7/07)} DE ACORDO COM O CRONOGRAMA, NO DIA CINCO DE JULHO DEVE SER REALIZADA A AUDIÊNCIA COM OS PERITOS QUE ANALISAM OS DOCUMENTOS QUE EMBASAM O PEDIDO DE IMPEACHMENT./ E NO DIA SEGUINTE DILMA ROUSSEFF PODE IR PESSALMENTE SE DEFENDER NA COMISSÃO.//</p>

No trecho **{PASSAGEM – CAROLINE ROSITO, BRASÍLIA}**, o editor utiliza a regra de transformação do texto da operação sete, criando novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas, sem alterar o sentido do texto original. (Quadro 4).

Quadro 4

TEXTO ORIGINAL	TEXTO EDITADO
<p>{PASSAGEM – CAROLINE ROSITO, BRASÍLIA} A PARTIR DAÍ, COMEÇA O PRAZO PARA AS ALEGAÇÕES FINAIS./ PELA CONSTITUIÇÃO, CADA UMA DAS PARTES TEM ATÉ QUINZE DIAS PARA ENTREGAR A DEFESA./ PORÉM, A ACUSAÇÃO PROMETEU CONCLUIR EM ATÉ CINCO DIAS, O QUE GEROU POLÊMICA./ A OPOSIÇÃO CRITICOU A DECISÃO DE ANTECIPAR O PRAZO./</p>	<p>{PASSAGEM – CAROLINE ROSITO, BRASÍLIA} DILMA PODE OPTAR POR NÃO VIR À COMISSÃO./ MAS INDEPENDENTEMENTE DA DECISÃO DELA, A DATA MARCA O INÍCIO DO PRAZO PARA AS ALEGAÇÕES FINAIS./ PELA CONSTITUIÇÃO, CADA UMA DAS PARTES TEM QUINZE DIAS PARA ENTREGAR AS SUAS ARGUMENTAÇÕES./ A ACUSAÇÃO, PORÉM, JÁ AVISOU QUE PRETENDE USAR APENAS CINCO DIAS DESSE PRAZO PARA GANHAR TEMPO, O QUE FOI CRITICADO PELA DEFESA.</p>

Sobre a matéria 2, podemos fazer algumas análises:

Observamos que o editor de texto utilizou a nona operação do diagrama para condensar as ideias da **{CABEÇA}**, conforme expresso no Quadro 5. A ideia é fazer o agrupamento de ideias, eliminando palavras que não colaboram com o texto.

Quadro 5

TEXTO ORIGINAL	TEXTO EDITADO
<p>{CABEÇA}</p> <p>O RELATOR QUE PODE DEFINIR A SITUAÇÃO DO PRESIDENTE AFASTADO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, EDUARDO CUNHA, ENTREGOU HOJE O PARECER À COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA./ PORÉM, O RELATOR RESOLVEU MANTER O MISTÉRIO: SÓ VAI REVELAR SE VAI PEDIR A ANULAÇÃO DO PROCESSO OU NÃO AMANHÃ.//</p>	<p>{CABEÇA}</p> <p>O RELATOR DO RECURSO QUE PODE DEFINIR A SITUAÇÃO DE EDUARDO CUNHA NA CÂMARA ENTREGOU HOJE O PARECER À COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA./ RONALDO FONSECA, ENTRETANTO, RESOLVEU MANTER MISTÉRIO SOBRE O VOTO DELE E ENTREGOU O DOCUMENTO LACRADO.//</p>

Outra consideração interessante diz respeito ao **{OFF 3}**, onde no **texto editado** o revisor percebe uma falta de ligação na informação que foi dita pelo repórter e a sonora que vem em seguida.(Quadro 6). Analisando o **texto original**, não é possível identificar quem está sendo citado pelo repórter, o relator do processo, deputado Marcos Rogério, ou o deputado Eduardo Cunha. Por essa razão, o editor faz uso da 6ª operação de Marcuschi (2001) para reconstruir estruturas truncadas.

Quadro 6

TEXTO ORIGINAL	TEXTO EDITADO
<p>{PASSAGEM - CAROLINE ROSITO, BRASÍLIA}</p> <p>CUNHA RECORREU À CCJ CONTRA A DECISÃO DO CONSELHO DE ÉTICA QUE APROVOU A CASSAÇÃO DELE./ NO RECURSO, O PRESIDENTE AFASTADO APONTOU DEZESSEIS PONTOS QUE, SEGUNDO ELE, SERIAM FALHAS NO PROCESSO./ UM DELES QUESTIONA A TROCA DE PARTIDO DO RELATOR NO CONSELHO DE ÉTICA DURANTE O PROCESSO./</p> <p>{SONORA MARCOS ROGÉRIO (DEM-RO)} NÃO PROCEDE ESSE RECURSO... ACHO QUE A CCJ NÃO VAI DAR CHANCE A ESSE RECURSO...</p>	<p>{OFF 3}</p> <p>NO RECURSO, EDUARDO CUNHA, APONTA DEZESSEIS PONTOS QUE, SEGUNDO ELE, FORAM FALHOS DURANTE O PROCESSO NO CONSELHO DE ÉTICA./ UM DELES QUESTIONA A TROCA DE PARTIDO DO RELATOR, MARCOS ROGÉRIO./ DIANTE DA EXPECTATIVA, O DEMOCRATA SE ADIANTOU E JÁ ENTREGOU UM DOCUMENTO À CCJ REBATENDO AS RECLAMAÇÕES DO PRESIDENTE AFASTADO.//</p> <p>{SONORA MARCOS ROGÉRIO (DEM-RO)} NÃO PROCEDE ESSE RECURSO... ACHO QUE A CCJ NÃO VAI DAR CHANCE A ESSE RECURSO...</p>

Além das modificações que dizem respeito ao tratamento estilístico, podemos observar que houve uma redução no número de palavras no **texto editado** da matéria 2. O **texto original** foi escrito com 372 palavras. Já o **texto editado**, após a retextualização, passou a ter 328 palavras. Esse enxugamento é uma característica dos textos de TV, já que precisam ser concisos, objetivos e diretos.

Entretanto, na matéria 1 o resultado foi diferente. Houve um aumento no número de palavras. O **texto original** foi redigido com 313 palavras e ao ser retextualizado passou a ter 391 palavras. Isso se justifica, talvez, pela relevância do fato que exigiu um detalhamento maior. A reestruturação, às vezes, demanda justamente mais massa gráfica – mapas, fotos, animações – além das imagens, porque necessita de mais esclarecimentos do que foi verificado no texto original. Isso pôde ser observado na matéria 1 durante a análise do Quadro 3.

Além disso, o tamanho da matéria depende também do tempo de duração que a matéria pode ter. É importante lembrar que as notícias em TV são, em geral, curtas. Duram, em média, de um minuto a um minuto e 30 segundos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu compreender que, apesar da atividade de retextualização ser muito mais comum e natural do que imaginamos, a reflexão sobre esse processo permite um aperfeiçoamento da técnica de produção textual, resultando em maior compreensão e legibilidade do texto final.

Observamos, ainda, que é a presença de editores de texto em redações de televisão, de rádio ou de impresso que vai garantir a publicação de reportagens mais concisas, claras e objetivas. O presente estudo deixa claro que o editor de texto não é simplesmente o profissional responsável por corrigir falhas de ortografia ou concordância. Ele também tem a missão de dar ao texto escrito características da oralidade, já que o texto será lido em voz alta pelo repórter ou apresentador, além de adequar a matéria à linha editorial do jornal.

Pelas análises de dados, foi possível visualizar os critérios utilizados pelo editor de texto. Com a comparação dos textos originais com os textos editados, pudemos concluir que o editor de texto utilizou, durante o processo, mesmo de forma inconsciente e espontânea, o modelo das operações textuais-discursivas

propostas por Marcuschi (2001). Esse autor esclarece que não existe uma regra geral a ser seguida no processo de retextualização. A partir dos resultados dos textos editados, podemos dizer que as retextualizações realizadas nos dois textos apresentados atingiram uma melhor compreensão da informação.

Por fim, podemos concluir que a retextualização mostrou-se uma atividade necessária e eficaz para o trabalho desenvolvido pelo editor de texto, pois leva o profissional a produzir textos de forma mais significativa.

RETEXTUALIZATION ON TELEVISION MEDIA: Effects of the process of editing text in telejournalism.

ABSTRACT

This article seeks to discuss the re-contextualization activity within the TV newsrooms carried out by text editors. The text editing process is based on the model proposed by Marcuschi (2001). The paper also covers the process of translating the figure from the reviewer to the text editor. The purpose of this research is to show the transformations existing in the passage from the written text to another text also written. Both have characteristics of orality, since they are texts produced for a television news. The article also intends to question the challenges and effects of retextualization in the daily life of the text professional. The methodology used is to analyze original and edited texts and to identify where and why retextualization processes occurred. We conclude that retextualization is a necessary and effective activity for the work developed by the text editor.

Keywords: Retextualization. Text editor. Newspaper.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. *A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário*. São Paulo: Follo Masucci, 1969.

BONNER, William. *Jornal Nacional: Modo de Fazer*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2009.

CURADO, Olga. *A notícia na TV – O dia a dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002.

DEJAVITE, Fábila A.; MARTINS, Paula C. *O revisor de texto no jornal impresso diário e seu papel na sociedade da informação*. Comunicação & Informação, 2006.

DELL'ISOLA, Regina. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.

FERRARETO, Luiz. A. *Rádio – o veículo, a história, a técnica*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual da Redação*. São Paulo: Publifolha, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINS, Eduardo. *Manual de Redação e estilo – O Estado de S. Paulo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. *Revisão de textos: da prática à teoria*. Natal: Edufrn, 2010.

PATERNOSTRO, Vera Iris. *O texto na TV: Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades do editor de texto e do revisor de provas na produção de livros*. Anais do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, Juiz de Fora (MG). São Paulo: Intercom, 2007.

VIEIRA, Josenia; SILVESTRE, Carminda. *Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social*. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.

ANEXOS

MATÉRIA 1

RETRANCA: IMPEACHMENT/CRONOGRAMA

DATA: 18/06/2016

CABEÇA: 00:02:07

EDITOR: PHILIP DANTOM

LOCUTOR: CAROLINE ROSITO

TEXTO ORIGINAL**{CABEÇA}**

A COMISSÃO DO IMPEACHMENT APROVOU UM NOVO CRONOGRAMA DO PROCESSO CONTRA A PRESIDENTE AFASTADA DILMA ROUSSEFF./ PELA NOVA PREVISÃO, A VOTAÇÃO FINAL NO PLENÁRIO DO SENADO DEVE ACONTECER ATÉ O FINAL DE AGOSTO.//

{OFF 1 IMAGENS + ARTE }

DURANTE MAIS UM DIA DE OITIVAS PARA OUVIR AS TESTEMUNHAS DA DEFESA, NA COMISSÃO DO IMPEACHMENT, OS SENADORES APROVARAM UM NOVO PLANO DE TRABALHO./ NO DIA CINCO DE JULHO DEVE SER REALIZADA A AUDIÊNCIA COM OS PERITOS QUE ANALISARAM OS DOCUMENTOS QUE EMBASAM A DENÚNCIA./ O CALENDÁRIO ESTIMA, AINDA, QUE DILMA ROUSSEFF DEVE IR À COMISSÃO PARA SE DEFENDER NO DIA SEGUINTE./ MAS DILMA PODE OPTAR POR NÃO COMPARECER./

[ARTE]

- 5 DE JULHO

- 6 DE JULHO

{PASSAGEM}

A PARTIR DAÍ, COMEÇA O PRAZO PARA AS ALEGAÇÕES FINAIS./ PELA CONSTITUIÇÃO, CADA UMA DAS PARTES TEM ATÉ QUINZE DIAS PARA ENTREGAR A DEFESA./ PORÉM, A ACUSAÇÃO PROMETEU CONCLUIR EM ATÉ CINCO DIAS, O QUE GEROU POLÊMICA./ A OPOSIÇÃO CRITICOU A DECISÃO DE ANTECIPAR O PRAZO./

{SEN. VANESSA GRAZZIOTIN - PCdoB/AM}

A MINHA ANÁLISE, ANÁLISE QUE ALGUNS FAZEM É DE QUE TERIA QUE SER UTILIZADO QUINZE DIAS, TANTO PARA ACUSAÇÃO COMO QUINZE DIAS PARA A DEFESA. ESSA FOI A DECISÃO DO SUPREMO.

{OFF 2}

SE O NOVO CALENDÁRIO FOR CUMPRIDO, A VOTAÇÃO NA COMISSÃO ESPECIAL DEVE ACONTECER NO DIA NOVE DE AGOSTO./ O RELATOR DO PROCESSO, ANTONIO ANASTASIA, NÃO QUIS CRAVAR DATAS, MAS PELA SUA EXPECTATIVA A PREVISÃO DO JULGAMENTO FINAL NO PLENÁRIO DO SENADO PODE OCORRER ATÉ O FINAL DE AGOSTO./

{SEN. ANTÔNIO ANASTASIA - PSDB/MG}

OS PRAZOS LEGAIS SINALIZAM GROSSO MODO, COM TODAS AS CAUTELAS, QUE SE A VOTAÇÃO DA PRONÚNCIA OCORRER NO DIA 9 DE AGOSTO, E O

PARECER FOR APROVADO NESSA HIPÓTESE EM PLENÁRIO, NÓS VAMOS TER UM PRAZO ESTIMADO QUE O JULGAMENTO SERIA 24, 25, 26 DE AGOSTO, A CRITÉRIO DO PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, RICARDO LEWANDOWSKI.//

TEXTO EDITADO

{CABEÇA}

A COMISSÃO DO SENADO QUE ANALISA O PROCESSO E IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF APROVOU HOJE UM NOVO CRONOGRAMA DE TRABALHO./PELA PROPOSTA, A VOTAÇÃO FINAL QUE VAI DEFINIR O FUTURO DA PRESIDENTE AFASTADA PODE ACONTECER NA ÚLTIMA SEMANA DE AGOSTO.//

{OFF 1}

DURANTE MAIS UM DIA DE OITIVAS DE TESTEMUNHAS DA DEFESA OS SENADORES APROVARAM O NOVO CALENDÁRIO APRESENTADO PELO RELATOR ANTÔNIO ANASTASIA.//

{OFF 2 LETTERING (6/07) / (7/07)}

DE ACORDO COM O CRONOGRAMA, NO DIA CINCO DE JULHO DEVE SER REALIZADA A AUDIÊNCIA COM OS PERITOS QUE ANALISAM OS DOCUMENTOS QUE EMBASAM O PEDIDO DE IMPEACHMENT./ E NO DIA SEGUINTE DILMA ROUSSEFF PODE IR PESSALMENTE SE DEFENDER NA COMISSÃO.//

{PASSAGEM – CAROLINE ROSITO, BRASÍLIA}

DILMA PODE OPRTAR POR NÃO VIR À COMISSÃO./ MAS INDEPENDENTEMENTE DA DECISÃO DELA, A DATA MARCA O INÍCIO DO PRAZO PARA AS ALEGAÇÕES FINAIS./ PELA CONSTITUIÇÃO, CADA UMA DAS PARTES TEM QUINZE DIAS PARA ENTREGAR A SUAS ARGUMENTAÇÕES./ A ACUSAÇÃO, PORÉM, JÁ AVISOU QUE PRETENDE USAR APENAS CINCO DIAS CINCO DIAS DESSE PRAZO PARA GANHAR TEMPO, O QUE FOI CRITICADO PELA DEFESA.

{SEN. VANESSA GRAZZIOTIN - PCdoB/AM}

A MINHA ANÁLISE, ANÁLISE QUE ALGUNS FAZEM É DE QUE TERIA QUE SER UTILIZADO QUINZE DIAS, TANTO PARA ACUSAÇÃO COMO QUINZE DIAS PARA A DEFESA. ESSA FOI A DECISÃO DO SUPREMO.

{OFF 3}

O RELATOR DO PROCESSO REBATEU.//

{SEN. ANTÔNIO ANASTASIA - PSDB/MG}

OS PRAZOS LEGAIS SINALIZAM GROSSO MODO, COM TODAS AS CAUTELAS, QUE SE A VOTAÇÃO DA PRONÚNCIA OCORRER NO DIA 9 DE AGOSTO, E O PARECER FOR APROVADO NESSA HIPÓTESE EM PLENÁRIO, NÓS VAMOS TER UM PRAZO ESTIMADO QUE O JULGAMENTO SERIA 24, 25, 26 DE AGOSTO, A CRITÉRIO DO PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, RICARDO LEWANDOWSKI.//

{OFF 4}

SE O NOVO CALENDÁRIO FOR CUMPRIDO, A VOTAÇÃO DO RELATÓRIO DA COMISSÃO DE IMPEACHMENT DEVE ACONTECER NO DIA NOVE DE AGOSTO./CASO SEJA APROVADO, A EXPECTATIVA É QUE O JULGAMENTO FINAL DO PROCESSO NO PLENÁRIO OCORRA DUAS SEMANAS DEPOIS.//

HOJE, A COMISSÃO OUVIU MAIS TRÊS TESTEMUNHAS DA DEFESA./ ENTRE ELES, ROBSON AZEVEDO RUNG, ANALSITA DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO DA SECRETARIA DE ORÇAMENTO FEDERAL./ AO TODO, A DEFESA TEM DIREITO A QUARENTA TESTEMUNHAS./ ATÉ AGORA, FORAM OUVIDAS VINTE E CINCO.//

O RELATOR DO PROCESSO, ANTONIO ANASTASIA, NÃO QUIS CRAVAR DATAS, MAS PELA SUA EXPECTATIVA A PREVISÃO DO JULGAMENTO FINAL NO PLENÁRIO DO SENADO PODE OCORRER ATÉ O FINAL DE AGOSTO./

MATÉRIA 2

RETRANCA: CUNHA/CCJ

DATA: 05/07/2016

CABEÇA: 00:02:07

EDITOR: PHILIP DANTOM

LOCUTOR: CAROLINE ROSITO

TEXTO ORIGINAL

{CABEÇA}

O RELATOR QUE PODE DEFINIR A SITUAÇÃO DO PRESIDENTE AFASTADO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, EDUARDO CUNHA, ENTREGOU HOJE O PARECER À COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA./ PORÉM, O RELATOR RESOLVEU MANTER O MISTÉRIO: SÓ VAI REVELAR SE VAI PEDIR A ANULAÇÃO DO PROCESSO OU NÃO AMANHÃ.//

{OFF 1}

COM TRINTA MINUTOS DE ATRASO, O DEPUTADO RONALDO FONSECA ENTREGOU PESSOALMENTE O RELATÓRIO SOBRE O RECURSO APRESENTADO POR EDUARDO CUNHA À CCJ./ O DOCUMENTO TEM SESSENTA E NOVE PÁGINAS E FICARÁ LACRADO ATÉ O MEMENTO DA REUNIÃO MARCADA PARA AMANHÃ./ O RELATOR DEFENDE QUE A DECISÃO DE NÃO REVELAR O VOTO SE DEVE À IMPORTÂNCIA E COMPLEXIDADE DA MATÉRIA.//

{RONALDO FONSECA - RELATOR DO RECURSO}

EU NÃO GOSTARIA QUE MEU VOTO FOSSE CONTEÚDO PELA LETRA FRIA. EU QUERO, AO LER MEU O VOTO, ACRESCENTAR MEUS COMENTÁRIOS PARA QUE NÃO HAJA NENHUMA DÚVIDA QUANTO À IMPARCIALIDADE COM QUE FIZ O RELATÓRIO. POSSO GARANTIR: MEU RELATÓRIO É ABSOLUTAMENTE TÉCNICO E IMPARCIAL.

{OFF 2}

O SIGILO DO VOTO FOI QUESTIONADO POR MEMBROS DA COMISSÃO./ O DEPUTADO BETINHO GOMES PRETENDE APRESENTAR UMA QUESTÃO DE ORDEM, QUESTIONANDO A DECISÃO DO RELATOR.//

{SONORA BETINHO GOMES (PSDB-PE)}

ISSO NÃO É USUAL, TODOS OS RELATÓRIOS TEM QUE SER DE CONHECIMENTO DOS DEPUTADOS... (...) É CLARO QUE HÁ UMA TENTATIVA DE FAVORECIMENTO A CUNHA.

{PASSAGEM - CAROLINE ROSITO, BRASÍLIA}

CUNHA RECORREU À CCJ CONTRA A DECISÃO DO CONSELHO DE ÉTICA QUE APROVOU A CASSAÇÃO DELE./ NO RECURSO, O PRESIDENTE AFASTADO APONTOU DEZESSEIS PONTOS QUE, SEGUNDO ELE, SERIAM FALHAS NO PROCESSO./ UM DELES QUESTIONA A TROCA DE PARTIDO DO RELATOR NO CONSELHO DE ÉTICA DURANTE O PROCESSO./

{SONORA MARCOS ROGÉRIO (DEM-RO)}

NÃO PROCEDE ESSE RECURSO... ACHO QUE A CCJ NÃO VAI DAR CHANCE A ESSE RECURSO...

{OFF 3}

CUNHA JÁ FOI NOTIFICADO SOBRE A ENTREGA DO PARECER E PODE COMPARECER À COMISSÃO SE QUIZER. / SE O RELATÓRIO ACEITAR O RECURSO DELE E O COLEGIADO VOTAR DA MESMA FORMA, O PROCESSO VOLTA PARA O CONSELHO DE ÉTICA./MAS, SE O RECURSO FOR REJEITADO, O PROCESSO SEGUE PARA O PLENÁRIO DA CÂMARA./

A EXPECTATIVA DA COMISSÃO É VOTAR O RELATÓRIO NO DIA 12 DE JULHO./ ENTRETANTO, O FIM DO PROCESSO SÓ DEVE ACONTECER EM AGOSTO./ ISSO PORQUE, O RECESSO PARLAMENTAR COMEÇA NA PRÓXIMA SEMANA.//

TEXTO EDITADO

{CABEÇA}

O RELATOR DO RECURSO QUE PODE DEFINIR A SITUAÇÃO DE EDUARDO CUNHA NA CÂMARA ENTREGOU HOJE O PARECER À COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA./ RONALDO FONSECA, ENTRETANTO, RESOLVEU MANTER MISTÉRIO SOBRE O VOTO DELE E ENTREGOU O DOCUMENTO LACRADO.//

{OFF 1}

COM TRINTA MINUTOS DE ATRASO, O RELATOR ENTREGOU PESSOALMENTE O PARECER AO PRESIDENTE DA COMISSÃO./ O DOCUMENTO TEM SESSENTA E NOVE PÁGINAS E FICARÁ LACRADO ATÉ AMANHÃ./ O DEPUTADO JUSTIFICOU O SIGILO.//

{RONALDO FONSECA (PROS-DF) - RELATOR DO RECURSO}

EU NÃO GOSTARIA QUE MEU VOTO FOSSE CONTEÚDO PELA LETRA FRIA. EU QUERO, AO LER MEU O VOTO, ACRESCENTAR MEUS COMENTÁRIOS PARA QUE NÃO HAJA NENHUMA DÚVIDA QUANTO À IMPARCIALIDADE COM QUE FIZ O

RELATÓRIO. POSSO GARANTIR: MEU RELATÓRIO É ABSOLUTAMENTE TÉCNICO E IMPARCIAL.

{OFF 2}

A POSTURA DO RELATOR FOI QUESTIONADA POR MEMBROS DA COMISSÃO.//

{SONORA BETINHO GOMES (PSDB-PE)}

ISSO NÃO É USUAL, TODOS OS RELATÓRIOS TEM QUE SER DE CONHECIMENTO DOS DEPUTADOS {...} É CLARO QUE HÁ UMA TENTATIVA DE FAVORECIMENTO A CUNHA.

{OFF 3}

NO RECURSO, EDUARDO CUNHA, APONTA DEZESSEIS PONTOS QUE, SEGUNDO ELE, FORAM FALHOS DURANTE O PROCESSO NO CONSELHO DE ÉTICA./ UM DELES QUESTIONA A TROCA DE PARTIDO DO RELATOR, MARCOS ROGÉRIO./ DIANTE DA EXPECTATIVA, O DEMOCRATA SE ADIANTOU E JÁ ENTREGOU UM DOCUMENTO À CCJ REBATENDO AS RECLAMAÇÕES DO PRESIDENTE AFASTADO.//

{SONORA MARCOS ROGÉRIO (DEM-RO)}

NÃO PROCEDE ESSE RECURSO... ACHO QUE A CCJ NÃO VAI DAR CHANCE A ESSE RECURSO...

{PASSAGEM – CAROL ROSITO, BRASÍLIA}

CUNHA JÁ FOI NOTIFICADO SOBRE A ENTREGA DO PARECER E PODE COMPARECER À COMISSÃO SE QUISER. / SE O RELATÓRIO ACEITAR O RECURSO DELE E O COLEGIADO VOTAR DA MESMA FORMA, O PROCESSO VOLTA PARA O CONSELHO DE ÉTICA./MAS, SE O RECURSO FOR REJEITADO, O PROCESSO SEGUE PARA O PLENÁRIO DA CÂMARA.//

{OFF 4}

A EXPECTATIVA DA COMISSÃO É VOTAR O RELATÓRIO NO DIA 12 DE JULHO./ ENTRETANTO, O FIM DO PROCESSO SÓ DEVE ACONTECER EM AGOSTO, JÁ QUE O RECESSO PARLAMENTAR COMEÇA DAQUI A QUINZE DIAS.//